

**POEMAS**

**Manuel de Freitas**



1. FREITAS, Manuel de. *[S/C]*.  
Lisboa: Assírio & Alvim, 2002,  
p.47-8

### LARGO DO PENEIREIRO<sup>1</sup>

[ para a Inês ]

Tudo se perde, claro. Mas lembrarei  
seguramente os olhos vermelhos  
de um gato de Alfama e todos os poemas  
que não escrevi contra mim próprio,  
naquele pátio aberto a ciladas e dissipações.

Vinho tinto, charros, paixões escarnecidas  
num diálogo de guitarras desatentas,  
Tu fazias vinte e quatro anos, é certo,  
e dizias com maior razão que aqueles olhos na noite  
pertenciam a uma gata. Perdida, achada luz,

quando se percebe o desabrigo, a difícil  
pertença a esta espécie de gente,  
comunidade de loucos deserdados a que  
o empregado, de bigode, chamou  
«o pessoal da bebedeira». Porque isto  
que não passa, sabemo-lo bem, é a vida

ou a morte, uma perda que dura  
e que não se apaga assim, sob um cerco  
de navalhas ou de inúteis, vigorosos  
sentimentos. Por exemplo o amor,

essa estranha mistura de angústia, desejo  
e novamente angústia. O não apenas sexo  
de adormecer em braços reais  
que afastem para sempre o mundo.

Mas acabo por subir cambaleante as escadas  
à hora em que o vizinho de baixo  
se prepara para ser uma pessoa altamente  
honrada, no talho de bairro  
que lhe dá sentido aos dias.

E não é dor, nem prazer, nem  
ressentimento o que um corpo  
sente, às seis da manhã, prostrado  
na lama involuntária destes versos.  
Antes um vazio imperfeito, uma  
ferida sem lugar que nenhuns lábios,  
sequer os teus, saberiam calar.

Fizeste, já disse, vinte e quatro anos.  
Não esperes grande coisa da felicidade.



2. FREITAS, Manuel de. *Os Infernos Artificiais*. Lisboa: Frenesi, 2001, p.13-4

### RETRATO DE HELENA DE TRÓIA JOGANDO *FLIPPERS* NA RUA DA MISERICÓRDIA<sup>2</sup>

Gosto de vir a este café todas ou quase todas as terças à tarde, sobretudo se chover. Não conheço sítio melhor para se ler (vamos supor) a *Ilíada* — entre putas, semiputas e putas antigas. Qualquer uma delas poderia dizer, como Helena, «sou uma cadela» — de um modo resoluto, desinibido e mais cheio de graça (para ser inocente só é preciso inocência). Mas tantas vezes o que me acontece é fechar o livro, ficando a ouvi-las vociferar, discutir sem rancor e com um gentil acento metafísico temas prementes como o sexo (infallível), as rendas de casa ou tragédias de lavandaria. Um jogo de *flippers* bastar-lhes-á depois para matar o tédio de quando as palavras se negam ou as telenovelas demoram. E é isto que me apetece achar belo, desesperante. «Nem vale a pena a gente ser puta» — diz alguém, sonoramente, no intervalo de ditar uma carta para a filha, no Canadá. Talvez Helena.

Talvez ninguém, um nome para os dias lentos em que os eléctricos passavam ainda e o corpo pesava uns quilos de saudade a menos. É uma estória que não me pertence, suponho, suspensa pelo relógio que no seu pouso certo já viu o amor e a raiva, o ciúme e o desespero, sem por isso se deter num rosto menos semelhante às horas. Deixo apenas que a alma e suas lodosas suspeitas repousem um pouco sobre o tampo azul desta mesa. O senhor Manel vela por mim e pela minha cerveja, como já fez com tantos outros ao longo das décadas (a ele, desculpo-lhe até o intestinal salazarismo de que por vezes se lembra). Bagaços, ginjinhãs e mendigados galões — nisso tudo pode caber, e a seu modo explodir, um cáustico e bem-disposto sentido da vida. Não vale a pena traírmos a desonesta simplicidade das coisas: tudo o que existe é um excesso, a visitar-nos trocista em condoída pobreza. «Já nos cobre a noite e é bom obedecer à noite». Nesta mesa azul deponho as minhas mãos leais ao vazio, tremendo de suposta dor.

Pois nada disto nos afastou afinal da «triste morte», do negro devir sobre nós já traçado.



3. FREITAS, Manuel de. *[SIC]*.  
Lisboa: Assírio & Alvim, 2002,  
p.32-5

### **EL SALSERO<sup>3</sup>**

*[para o Manuel João Fradique]*

Os homens são assim. Bebem de mais,  
cantam, esconjuram a morte  
chamando-a para mais perto — e ela vem.  
É uma ciência nocturna, a dos  
homens, enquanto copos e garrafas  
martelam sobre o balcão  
os compassos de uma música sem saída.  
É tão triste às vezes saber  
que «à sombra do milho verde  
namorei uma cachopa» – ou  
pedir ao rosto de ninguém  
que nos beije muito, como se fosse  
esta noite a última vez...  
Tão triste, numa noite realmente  
última, lembrar outra vez os amigos  
que hoje aqui não estão por terem  
bebido mais depressa o mesmo copo  
letal que nos afasta da morte...

Amores, desamores, injúrias  
palavras vizinhas dos punhais.  
Coisas que os anos foram sepultando,  
quase com doçura ou escárnio.  
Porque os homens, quando bebem,  
conhecem imensamente a loucura,  
sentem nos ombros mais velhos  
o peso insidioso da melancolia.  
E não é fácil de ver, tanta dor.

Isso mesmo que certas canções  
ou a névoa do haxixe nos fazem esquecer  
por breves instantes uma vida inteira.  
Isso mesmo, ainda, que na derrota  
de um sorriso se confunde com o  
sudário dos dias. Porque dentro destas  
quatro paredes, sabíamos bem, era  
proibido amanhecer. Só muito mais tarde,  
já sem alma nem dinheiro, os corpos  
voltariam a rastejar para a  
maldição da luz. Com uma canção  
mais fria a escurecer-lhes os lábios.



II

Empalidece agora o sorriso do gusano  
na parede, ferem mais as palavras  
sem medida de Chavela Vargas  
e a certeza subitamente real deste último  
trago entre os últimos da festa.  
As garrafas de várias cores não voltarão  
A derramar o seu cálido perfume  
e há, talvez, um mapa de afectos que  
soçobra, um poema que ninguém escreveu.

Mas a perdição continuará, noutros  
sítios, em casa de gente que morre  
e entristece de tanto viver. Os dolorosos  
amigos. Existirá sempre um vinho forte  
a alimentar o epicentro do pânico,  
aí onde apenas o vazio tem mãos  
capazes de nos amparar na queda.

O que não lemos, o que não amámos,  
os países que desconhecemos — tudo isso  
ficará dentro destas paredes condenadas  
à destruição e às prepotentes razões do lucro.  
Perder – eis a nossa vocação, a única. Com um  
relâmpago de sombra nos olhos apagados.

III

O teu amigo, porém, regressa — abre  
pela última vez a porta larga do inferno  
e anuncia para a escuridão dos rostos  
que «já é dia». Finge também ele sorrir,  
perder de pé. Porque há evidências inaceitáveis,  
manhãs de metal que nos surpreendem vivos.

Só no táxi abraçamos a certeza do fim, agora  
mais palpável, e o dia demolido que nos espera.  
Há horas assim — de que a própria morte  
se apiedaria, se tivesse tempo.  
Uma canção que regressa só para nos dizer  
que a perdemos, que é tão tarde o corpo.



4. FREITAS, Manuel de. *[S/C]*.  
Lisboa: Assírio & Alvim, 2002,  
p.12

#### QUANDO SÓS À BOLEIA DO CREPÚSCULO<sup>4</sup>

*[para o Fernando Guerreiro]*

Não mais a literatura, os seus  
fúteis e imperiosos desígnios  
- julgamos dizer, insistindo  
numa ourivesaria do terror  
e em gestos que sabem o quanto  
chegam tarde. Quando sós,  
à boleia do crepúsculo, dizemos  
coisas assim, mentimos com  
os dentes todos que não temos.

E a mentira (a literatura)  
é ainda a improvável derrota  
de que não nos salvaremos  
nunca. Tão igual à vida, portanto:  
pouso o copo, recupero o fôlego,  
fumo uma silepse. Sei que vou morrer.

E isso que - talvez - nos diz  
é uma evidência que escurece  
(tivemos por amigo o desconforto).

Quanto ao mais, vamos andando.  
Casados ou sozinhos. Mortos.

